

O ESSENCIAL SOBRE LÍNGUA PORTUGUESA
MARIA HELENA MATEUS & ALINA VILLALVA (COORDENAÇÃO),
EDITORIAL CAMINHO

CLARA NUNES CORREIA
(Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa)

Apresentação:

Maria Helena Mateus & Alina Villalva coordenam, para a editorial Caminho, uma colecção de vinte textos de linguística a que deram o nome de ‘O Essencial sobre Língua Portuguesa’. Iniciada com o volume ‘o Essencial sobre Linguística’, (M.^a Helena Mateus & Alina Villalva) – a que se seguiram História do Português (Esperança Cardeira); Crioulos de Base Portuguesa (Dulce Pereira); Ensino da Língua Materna (M.^a José Ferraz); Pragmática Linguística (José Pinto de Lima); Semântica (Ana Cristina Macário Lopes & Graça Rio-Torto); Norma e variação (Maria Helena Mateus). A colecção contará ainda com mais 13 volumes que cobrirão, entre outras, as áreas da sintaxe, da ortografia, do processamento de fala, dos dicionários...

Esta colecção visa, e citando o texto introdutório presente em todos os volumes, a “(...) divulgação do conhecimento que tem vindo a ser produzido no domínio da linguística, particularmente no que diz respeito ao Português (...)”. Em cada volume pode ser encontrado um glossário referente a cada área específica, bem como um conjunto de sugestões bibliográficas, inseridas numa secção intitulada ‘outras leituras’.

Os textos

A diversidade das temáticas até agora publicada (e prevista para publicação) não permite, naturalmente, uma revisão crítica fina que englobe de forma sistemática e coerente todos os volumes. Assim, proponho-me fazer uma breve análise de cada um dos seis primeiros volumes publicados – em termos de informação disponibilizada e sobretudo da clareza dessa informação.

Cada volume tem uma dimensão (aproximada) de 100 páginas.

(i) o Essencial sobre Linguística

Todos sabemos, por experiência própria, que o ‘essencial’ é uma medida subjectiva. Assim, títulos apelativos como este (ou tudo *o que gostaria de saber sobre*, por exemplo) correm dois riscos – ou o conteúdo fica aquém do que eu gostaria/precisaria/desjejaria saber ou, inversamente, construo um saber que tomo como válido, seguro e universal, podendo, eventualmente, vir a descobrir que afinal... Sabendo tudo isso (e apesar de as autoras em nenhum momento marcarem explicitamente estas fronteiras como pré-aviso aos leitores menos precavidos) podemos ler este texto com um sentido positivo e relevante para o conhecimento da linguística: vamos tomá-lo como ponto de partida para querer saber mais. E este saber terá de ser estimulado, construído e sobretudo, de ser apresentado de forma a desencadear no leitor o desejo de aprender.

Uma crítica possível – que senti como leitora – foi, no entanto, a falta de apelo a este ‘saber mais’, de forma estimulante e ‘criativa’, uma abertura a um mundo que não se compadece com algumas páginas, sobre temas e problemas que nunca estarão resolvidos porque não há fronteiras (desejáveis) no conhecimento. Todos sabemos que a leitura é, também ela, condicionada pelo que já se sabe. Mesmo assim, e talvez por isso mesmo, tentei ler este texto com os olhos de quem lê pela primeira vez. Assim, nesta posição fictícia e de todo não verdadeira, retive da leitura deste primeiro volume informação relevante e outra muito casuística, e de alguma maneira pouco interessante para se conhecer (ou desejar conhecer) o que é a linguística. Refiro, para o primeiro caso, o capítulo ‘de que trata a linguística’ ou o capítulo ‘de onde vem a reflexão sobre a linguagem e as línguas?’. Já me parecem menos conseguidos – em termos de rigor e de informação – os capítulos ‘como se sabe que uma língua é uma língua’ ou ‘para que serve a linguística’. Naturalmente que o prazer ou desprazer na leitura de um texto é inerentemente pessoal e subjectivo. Como se disse, no início, este ‘*Essencial*’ é um ponto de partida e, por isso mesmo, um texto que pode ser útil. Útil a estudantes de linguística – se se constituir como apoio a disciplinas iniciais – útil a estudantes do Ensino Secundário (se algum professor se lembrar de o recomendar), útil a colecionadores de ‘cultura geral’ se algum dia a linguística for tema de concursos de televisão... Verdade se diga que, enquanto leitora, especialista, professora gostaria que o essencial sobre linguística fosse sentido, por todos, como *essencial*, e não como um ‘digest’ informativo (e algo lacunar). Mas isso deve ser porque a exigência é um dos caminhos que, em linguística, mais se cultiva e estimula, desde o primeiro dia em que nos confrontamos com alguém que precisa ou deseja mesmo saber o que é a linguística!

(ii) O essencial sobre a História do Português

A leitura deste volume foi feita partindo de uma perspectiva de leitora não-especialista da área. Assim, abster-me-ei, neste breve comentário, de fazer quaisquer juízos críticos sobre opções teóricas tomadas pela autora, nomeadamente uma discussão sobre as opções de periodização da História

do Português, tema eventualmente não pacífico e não consensual entre os diferentes especialistas desta área de estudo.

Feita esta ressalva, em minha opinião, dos volumes até agora publicados nesta colecção, este é um dos textos mais claros e objectivamente construído. A autora (Esperança Cardeira) alia uma informação rigorosa (apoiada em documentos claros e ilustrativos que suportam as hipóteses que apresenta) à clareza de escrita. Assim, neste texto, poderemos encontrar quer uma vertente de divulgação de uma área que desperta inevitavelmente curiosidade entre o público não especialista – mas curioso – da história do português, como pode servir de base a diferentes níveis de formação académica (quer à formação inicial para o nível universitário, quer a uma formação de ensino secundário) que se deseja rigorosa e precisa. Este é um texto claro que não pretende ser mais do que é e, talvez por isso, seja capaz de dar uma informação sobre o que pode ser considerado relevante para se conhecer a História do português, mas que serve, também, para uma compreensão dos textos com que os alunos de Português se confrontam no Ensino Secundário quando estudam literatura portuguesa.

Assim, e sempre como leitora não especialista, julgo que a ‘história do português’ pode ser um bom ponto de partida para se começar, de facto, a saber, ou a querer saber, o que é o Português.

(iii) O essencial sobre língua portuguesa – crioulos de base portuguesa

Numa sociedade como a portuguesa, querer saber o que são os ‘crioulos de base portuguesa’ constitui, à partida, um bom tema de divulgação, enquadrando-se este tema no âmbito de uma colectânea como esta. Para quem nunca ouviu falar de crioulos, ou os considera como línguas menores, a descrição feita pela autora é convincente (e clara) para se ‘desmistificar’ alguns preconceitos ou muitas ideias pouco fundamentadas. (cf. sobretudo os dois primeiros capítulos deste volume).

Esperava-se (ou esperava eu enquanto leitora, ou desejaria eu enquanto professora) que este volume fosse um pouco menos ‘narração’ e um pouco mais de reflexão linguística. Saber como se diz alguma coisa na língua x ou y pode parecer interessante (para uma conversa entre falantes ‘cultos’ da língua z), mas não constitui uma referência estável para se saber (ou desejar saber) por que razão ou quais os critérios de natureza linguística que permitem descrever e tornar pertinente a categorização de uma língua como sendo crioulo. Além disso, a descrição das línguas – e o conhecimento que de uma língua se deve ter – deverá passar por processos precisos, claros, mas sólida e cientificamente sustentados. Afinal esta é uma colecção sobre Linguística!

Muitas das dúvidas que tenho (ou que me ficaram) após a leitura deste volume de o *essencial* prendem-se com o não ter encontrado, metodológica e teoricamente, o suporte para entender este texto como um texto de Linguística.

Obviamente que se poderá sempre alegar que existem variadíssimas maneiras de tratar e de analisar este tema. A literatura disponível sobre esta área (sobre crioulos de bases diferenciadas) tem-no mostrado (nomeadamente em alguns títulos da bibliografia deste volume), mas (e talvez por isso mesmo) talvez tivesse sido interessante encontrar argumentos que permitis-

sem, para além da história (externa) dessas línguas – história que se conhece (ou sobre a qual se põem hipóteses) – caracterizá-las e diferenciá-las, tornando-as, em si mesmas, objectos de estudo. Naturalmente que o título escolhido – *o essencial sobre Língua Portuguesa /crioulos de base portuguesa* poderia já ser indicador do caminho (ou da perspectiva) que iria caracterizar este volume. Mesmo assim, erroneamente, da primeira à última página ainda imaginei que o título fosse, apenas um lapso. Não é, de facto. E talvez possa satisfazer quem queira conhecer, apenas, quais as relações que os crioulos têm com o português... e despertar nos leitores uma genuína curiosidade sobre a estrutura e o funcionamento (linguístico) dessas línguas. Se assim for, este *essencial* conseguirá ser útil, embora se possa correr o risco de se ficar a saber apenas uma parte da história (que na minha opinião) não é, contudo, a mais interessante.

(iv) O essencial sobre ensino da língua materna

A reflexão apresentada neste volume é caracterizada, na contra capa, por uma informação que, à partida, é esclarecedora da leitura que poderemos ter deste volume: “(...) o livro não é mais do que uma reflexão pessoal ditada por uma longa prática de ensino (...)”. Assim, toda a abordagem e reflexão sobre o ensino da língua materna reflecte o que a autora pensa sobre o tema, mostrando que, para além de conhecimento próprio, detém um conhecimento baseado na reflexão do que programática e didacticamente é suposto saber quando se ensina língua materna. A perspectiva adoptada não é, no entanto, uma perspectiva de ensino centrada no funcionamento da língua materna, mas no enquadramento legal ou metodológico do que suporta o que deve ser ensinado. Ao defender, por exemplo, o ensino da gramática como actividade inerente ao (re)conhecimento do funcionamento da língua por parte do aluno, a autora (possivelmente) para não ser geradora de polémica, apresenta, no capítulo intitulado ‘que competências deve a escola desenvolver e fazer adquirir?’ uma enumeração de argumentos sobre a ‘defesa’ do esforço desenvolvido desde 1967, em termos regulamentares, para o estabelecimento e para a utilização de uma terminologia que permita uma consistente aprendizagem do funcionamento da língua materna. Mas, mais uma vez, ficamos a saber porque deve uma (qualquer?) terminologia existir, mas nunca ficamos a saber o que pensa (eventualmente) a autora das diferentes ‘terminologias’ ou das diferentes opções que programática e institucionalmente foram tomadas ao longo dos tempos. Mas este é apenas um pormenor. Naturalmente que faria sentido, nesta colecção, existir um volume centrado em questões de aquisição da linguagem. Ou talvez fizesse sentido este volume estar interligado com um outro anunciado sobre ‘ensino da Língua Portuguesa’ (estará?), ou este ser um texto que abarcasse mais espaço de discussão do que aquele que é visado (sobre metodologias e estratégias utilizadas no ensino de outras línguas maternas que não o português), mas estas poderão ser apenas questões de quem entende (ou deseja) que o *essencial* seja mais do que é, ou seja outra coisa diferente. Mas se um texto é gerador de insatisfação já deve ter cumprido, pelo menos, metade da sua função.

(v) O essencial sobre Língua Portuguesa – Pragmática Linguística

Todos temos experiência própria de ouvir falar de ‘pragmática’ como marca caracterizadora de alguém que age de determinada forma. Delimitar o que se diz, em linguagem corrente, do que constitui uma das áreas de estudo de uma ciência é, em certo sentido, obrigatório e esperado num texto considerado ‘essencial’. Esta ressalva não é abertamente feita, mas pode ser subentendida se se associar o conhecimento que todos temos da língua que usamos com a explicitação programática que o autor vai desenvolvendo nos diferentes capítulos que constituem este volume.

Uma das perguntas que se pode colocar, quando terminamos a leitura deste texto, é a de se saber se aquilo que eu digo quando classifico alguém como ‘pragmático’ está em contradição ou viola aquilo de que se fala quando, cientificamente, falo de ‘pragmática’. A resposta pode ser negativa se eu tiver entendido o que li como a demonstração clara de que ‘ser pragmático’ obriga a que se aja, a partir de um ponto de vista subjectivo, objectivamente. Assim, o uso da língua seria, por definição, gerador de interações que veiculariam pontos de vista subjectivos que interagiriam objectivamente com o outro. Se a resposta for positiva (e essa é a resposta esperada quando ‘ensinamos’ uma disciplina a que se chama pragmática linguística) teremos de separar, muito claramente, as águas, e entender as formas linguísticas como marcadoras de valores (e por isso diferenciadoras) que satisfazem, numa dada língua, o uso que os falantes fazem dela. É por isso que num texto como este é preciso ser-se claro e objectivo para não se correr o risco de gerar amálgamas informativas entre conceitos e formas, entre modelos e usos.

Mostrando conhecer este risco, o autor recorre a um rigor de explicitação que certamente ganhará adeptos entre os docentes e estudantes de linguística, mesmo podendo correr o risco de ‘perder’ leitores vagamente interessados sobre o tema. Foi uma opção, e talvez, por isso mesmo, essa opção consiga caracterizar este livro como um dos volumes mais orientados para o trabalho ‘essencial’ em linguística.

Como em todos os textos desta natureza (e reiterando o que já fui afirmando ao longo desta recensão) existe, necessariamente, uma não profundidade na discussão. Só que, neste caso, não é geradora de mal entendidos: quando se trabalha em ‘pragmática linguística’ estes são os conceitos, as propostas, os temas e os problemas com que é preciso aprender a lidar. A não criação de equívocos é, em meu entender, a melhor demonstração de que se conhece (e se trabalha em) Pragmática.

Como ponto de discordância devo no entanto sublinhar o facto de o autor (e/ou as editoras) aceitar(em) como pacífico o título da obra: “o Essencial sobre Língua Portuguesa – Pragmática Linguística”. Não me parece que o que o autor trata e explicita sejam características inerentes que levem a um conhecimento do funcionamento da Língua Portuguesa, mas sim uma reflexão sobre uma disciplina da área de linguística em que a Língua Portuguesa é usada como suporte exemplificativo. Julgo que é importante ainda chamar a atenção para a não precisão dos termos ‘língua’ e ‘linguagem’ que apare-

cem como sinónimos e intermutáveis num dos lugares mais privilegiados de leitura – a contracapa do volume. Este não rigor – que passará eventualmente despercebido ao comum dos leitores – poderá, para um leitor mais atento (e informado), construir um (errado) juízo de valor sobre o rigor e a precisão que o autor laboriosamente utilizou na construção deste texto.

(vi) O essencial sobre Língua Portuguesa – Semântica

‘A significação é o ponto de partida e o ponto de chegada de toda a actividade linguística’. Este é o começo do capítulo *antes de mais* deste volume sobre semântica. Escrito ‘a duas mãos’ (Ana Cristina Macário Lopes & Graça Rio-Torto) este *essencial...* cumpre na totalidade o que se propõe fazer: dar conta ‘de uma sensibilidade para os factos da língua e curiosidade relativamente ao modo como construímos e arquivamos informação através da linguagem’ (p. 13). Definidos claramente os caminhos que se propõem percorrer, as autoras mostram como, quer nos domínios da semântica lexical, quer nos da semântica frásica, é possível descrever a ‘significação’. No entanto nada do que aqui se apresenta deve ser lido como conclusivo e acabado. E esse trabalho vai ser o trabalho de um leitor, que mais ou menos motivado, pode querer saber, desde logo o que ‘significa *significação*’. Assim, e se for este o caso, terá de laboriosamente encadear o que conhece e o que vai conhecendo através da leitura deste volume, percebendo – sem muita dificuldade – que os valores das formas linguísticas resultam da relação que essas formas estabelecem umas com as outras. Ficará assim habilitado a perceber o que as autoras afirmaram logo na apresentação deste trabalho: ‘o significado linguístico codifica informação sobre o mundo e desempenha um papel de relevo na configuração dos nossos estados mentais’. Se assumirmos que sempre que falamos (ou pensamos) representamos linguisticamente ‘objectos’ do mundo e atribuímos propriedades a esses objectos, facilmente aceitaremos aprender que ‘a semântica’ lida com planos conceptuais, metodológicos e objectos, aparentemente dispersos, mas unificados a partir de vertentes e de perspectivas coerentes de análise; esta é a fronteira possível para entender o que as autoras foram ‘descrevendo’ ao longo das páginas deste volume.

Assim, para um leitor que apenas ‘quer saber’, encontra aqui o que parece ser *essencial*: a explicação é clara, a exemplificação é objectiva e bem escolhida. De uma forma geral (tendo como ponto referência o objectivo desta colecção) este texto parece ‘cumprir’ a função primeira para que foi elaborado.

Se porventura outro tipo de leitor (mais informado) encontrar este livro, a satisfação não será, naturalmente, total. Este leitor não deixará de duvidar da aparente neutralidade teórica que as autoras dizem assumir, este leitor questionar-se-á sobre as escolhas bibliográficas (recomendadas) no final do volume (cf. ‘outras leituras’), este leitor interrogar-se-á sobre a relevância de se separar as relações inter-proposicionais do capítulo dedicado à ‘coerência semântica de um texto’, esse leitor poderá até descobrir que as questões postas na contracapa do livro não são as questões mais importantes... mas

esse leitor (a existir) não é o leitor que aqui se visa. E se esse leitor até ‘ensinar’ semântica terá apenas de continuar, completar, aprofundar e discutir o que em poucas (cerca de 90) páginas as duas autoras nos propõem. É, assim, mesmo para esse hipotético leitor, um bom ponto de partida.

Naturalmente que este *essencial* não é sobre ‘a semântica da língua portuguesa’, mas sobre semântica. A capa e a contracapa contradizem-se... mas, isso é apenas um pormenor que só interessará a quem considera que até os pormenores podem ser (ou são mesmo) essenciais.

Voltando ao início desta recensão: a apresentação dos 6 primeiros volumes desta colecção foi feita tendo em conta uma leitura que procurou caracterizar a especificidade unitária de cada um dos volumes. Obviamente que é (e só poderia ser) uma leitura subjectiva. Procurou-se, no entanto, mostrar perspectivas diferenciadas de se ler cada um destes textos, procurando-se encontrar vertentes diferentes de ‘utilização’ que cada um deles pode ter. No entanto, e tendo em conta uma hipotética unidade da colecção – para além do facto de existir – seria desejável uma maior intervenção das editoras da colecção, esperando-se que em algum momento (ou em qualquer volume) se relacionassem perspectivas, terminologias, conceitos. Sabendo como todos os que trabalhamos com estudantes que esta colecção poderia/poderá servir como leitura de base a algumas disciplinas da área da linguística, talvez essa intervenção editorial fosse bem vinda e útil. Se, por outro lado, se visa um público diferente e indiferenciado, esperar-se-ia também uma forma mais activa (e até mais atractiva) na concepção dos diferentes volumes. Naturalmente que tudo isto que acabei de dizer(escrever) pode ser extemporâneo; falta publicar mais de metade desta colecção. Ficaremos à espera. Afinal, se saber esperar é uma grande virtude, gostar de ler livros de linguística é um prazer que gostaria que muitos leitores tivessem, ou começassem a ter. Decidir publicar/organizar esta colecção foi, apesar de tudo, uma boa ideia.